

## **Existe *comunismo primitivo* no pensamento de Karl Marx?**

Lucas Parreira Álvares<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste breve texto é retornar aos escritos de Karl Marx e, em certa medida, de Friedrich Engels, para investigar o modo como esses autores lidaram com a expressão “comunismo primitivo”, muito difundida na tradição marxista do século XX e principalmente entre antropólogos. Em certa medida, ao desempenhar essa tarefa compreenderemos mais sobre a própria tradição marxista do que efetivamente o próprio autor referenciado. A hipótese aqui é a de que a noção de “comunismo primitivo” não só é uma terminologia ausente nos pensamentos de Marx e Engels como também é possível constatar, em certa medida, uma “recusa” do autor frente a utilização desse termo.

**Palavras-Chave:** Comunismo Primitivo; Karl Marx; Antropologia Marxista;

**Abstract:** The purpose of this brief text is to return to the writings of Karl Marx and, to a certain extent, Friedrich Engels, to investigate how these authors dealt with the expression “primitive communism”, very widespread in the 20th century Marxist tradition and especially among anthropologists . To some extent, in carrying out this task, we will understand more about the Marxist tradition itself than the referenced author itself. The hypothesis here is that the notion of “primitive communism” is not only a terminology absent in the thoughts of Marx and Engels, but it is also possible to verify, to a certain extent, the “refusal” of the author regarding the use of this term.

**Keywords:** Primitive Communism; Karl Marx; Marxist Anthropology;

---

<sup>1</sup> Doutorando em Antropologia Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integrante do Laboratório Marxista de Experimentações Antropológicas.

## Introdução

A conversão do pensamento de Marx em um modelo para apreensão da realidade impôs a seu pensamento a existência de aparentes apriorismos metodológicos que devem se manifestar como construtos prévios para o entendimento da realidade em movimento. Nada poderia ser tão danoso ao pensamento de um teórico que parte da realidade expressa em ato do que tornar inerte o maleável. Uma das vulgarizações expressas na tradição marxista é a aposta na existência de uma teoria linear da história no pensamento de Marx que iria de um comunismo a outro: do “comunismo primitivo” a um “comunismo por vir”, passando por formas intermediárias. O objetivo desse texto remete ao primeiro desses, uma atribuição comunista a uma conjectural forma de sociabilidade que teria originado todas as subsequentes.

“Comunismo primitivo”, no decorrer de todo o desenvolvimento teórico da tradição marxista, se tornou um dos termos mais controversos, utilizado por intelectuais de vertentes distintas desse campo de debate. Mas qual o real nexos que tal termo – que supostamente se refere à mais antiga forma de sociabilidade – possui com o pensamento de Marx? Existe mesmo a noção de “comunismo primitivo” em Marx? Se sim, de que modo ela se manifesta? Se não, qual o motivo pelo qual a tradição marxista tanto se utilizou desse termo? Antes de qualquer coisa, é fundamental propormos uma compreensão de como essa noção aparece no pensamento de Marx, assim como no de Engels.

Se o objetivo principal dessa exposição, nesse momento, fosse meramente a compreensão do conceito de “comunismo primitivo” no pensamento de Marx, não seria necessário mais do que esse parágrafo para informar uma frustrante constatação: não existe, em momento algum na obra de Marx, a utilização do termo “comunismo primitivo”<sup>2</sup>. O fato de não haver uma menção nesses termos não impede que, considerando o que a tradição marxista caracterizou principalmente no decorrer do século XX como “comunismo primitivo” – ou seja, a mais antiga das formas sociais pré-capitalistas<sup>3</sup> baseada em um modo de produção comunal – não pudesse ser

---

<sup>2</sup> Do original “*primitiven kommunismus*”.

<sup>3</sup> Marx e o marxismo já foram bastante criticados pela utilização do termo “précapitalistas” para se referir a formas sociais comunais. Contudo, fazia sentido para Marx o uso da expressão “pré-capitalistas” da mesma forma que um crítico literário poderia falar em formas “pré-românticas”, caso o movimento artístico de sua análise seja aquele que comportou Goya, William Blake ou Sismondi. O uso da expressão “formas pré-capitalistas”, por Marx, não subjuga as formas sociais precedentes. Da mesma forma que um crítico literário, ao se utilizar do termo “movimentos pré-românticos” não menospreza o Barroco do

observado, de maneira esparsa, em alguns escritos de Marx. Todavia, por não se tratar de um termo simples, tanto pelo “comunismo” quanto pelo “primitivo”, sua utilização através de uma justificativa baseada nas próprias formulações de Marx pode conduzir a uma interpretação que não seja condizente com as intenções do mouro. Alguns dos debates mais controversos do marxismo no século XX pressupunham, cada qual a seu modo, a existência da noção do “comunismo primitivo” enquanto um conceito referente ao próprio pensamento de Marx<sup>4</sup>. O objetivo aqui é retornar aos escritos do mouro com a intenção de demonstrar que mesmo a ausência desse termo pode explicar o sentido que sua utilização obteve no seio da tradição marxista de pensamento. Em certa medida, ao desempenhar essa tarefa compreenderemos mais sobre a própria tradição marxista do que efetivamente o próprio autor referenciado. Nossa hipótese aqui é a de que a noção de “comunismo primitivo” não só é uma terminologia ausente no pensamento de Marx como também é possível constatar, em certa medida, uma “recusa” desse autor frente a utilização desse termo.

### **Duas ou três palavras sobre *Comunismo Primitivo***

Apesar das distinções entre os intérpretes, as definições de “comunismo primitivo” aparecem na literatura marxista como uma referência direta a formas sociais comunais cujas formulações são atribuídas às teorias de Marx e Engels<sup>5</sup>. Mas será que na obra desses autores essas formas sociais aparecem de maneira uniforme? Ao referenciarem essas formas sociais comunais, esses autores fazem questão de evidenciar suas características distintivas, e em razão disso é necessário dissociar Marx de Engels. De todo modo, quanto a esse tema eles possuem algo em comum: nenhum dos dois se utiliza do termo “comunismo primitivo” em suas obras.

Como não há sequer uma citação específica que referencie tal conceito na obra desses autores, um retorno a Marx – e, quanto a esse aspecto, conseqüentemente a Engels – propõe, antes de qualquer coisa, uma oposição a essas definições imprecisas que se desenvolveram no interior da tradição marxista. Uma correspondência

---

altorenascimento nem tampouco os mosaicos do período bizantino. Contudo, tanto os movimentos pré-românticos quanto as formas pré-capitalistas antecederam o romantismo e o capitalismo sob um viés histórico-cronológico. Eis a razão do critério do marco temporal empregado por Marx, assim como do nosso crítico literário ilustrativo.

<sup>4</sup> Cf. Stálin (2014); Rosa Luxemburgo (2015); e Segal (2009), et al.

<sup>5</sup> Vejamos por exemplo um verbete retirado de um “dicionário marxista”: “Marx e Engels designam como comunismo primitivo o modo de produção existente nos períodos pré-históricos, antes da aparição da propriedade privada, das classes sociais, do patriarcado e do Estado” (Löwy; Dumènil; Renault, 2015 p. 80).

específica de Marx endereçada a Engels pode servir como ponto de partida aos nossos propósitos. Referimos a uma carta ora negligenciada, ora ignorada por parte da tradição marxista. Adiantamos que nela não existe menção alguma ao termo em questão. Entretanto, o tratamento de Marx ao conteúdo da carta pode ser interessante a essa nossa investigação. O ano é 1868, ou seja, no ano seguinte à publicação da primeira edição de *O Capital*, e o dia é 25 de Março.

Nessa carta, Marx escreve a Engels sobre a importância dos livros do historiador alemão Georg Maurer que investigou as chamadas “tribos teutônicas”, algumas comunidades aldeãs da Alemanha. Marx (2020, p. 208) menciona que os estudos de Maurer são relevantes por formularem uma nova concepção acerca da forma primitiva de comunidade, do desenvolvimento tardio das cidades imperiais livres, do estado de imunidade dos proprietários de terra, da autoridade pública e da luta entre o campesinato livre e a servidão. Nela, Marx menciona que “a história da humanidade é como a paleontologia. Devido a certo ‘fanatismo cego’, até mesmo as melhores mentes falham em enxergar, a princípio, o que está na frente de seus narizes (...) mais tarde, quando chega a hora, nos surpreendemos encontrando por toda parte vestígios que falhamos em não ver”.

A própria realidade de vida de Marx, colocou-o diante de um desses “vestígios”. Marx (2020, p. 209) conta, nessa mesma carta, que em sua própria vizinhança nas montanhas da Prússia, o “velho sistema alemão sobreviveu até poucos anos (...) lembro-me agora de meu pai conversando sobre isso comigo”. Entretanto, considerando as investigações acerca dos assim chamados aspectos etnológicos no pensamento de Marx – o que inclui, é claro, sua relação com as sociedades comunais – o modo como esse autor segue o desenvolvimento de sua carta é sem precedentes em relação a todo o desenvolvimento de sua obra. Ele diz que uma das reações contra a Revolução Francesa e o Iluminismo “foi a de olhar, além da Idade Média, para dentro da era primitiva de cada povo – esta corresponde a uma tendência socialista<sup>6</sup>, muito embora esses homens letrados não tenham a menor ideia de que houvesse qualquer conexão entre elas”, e assim sendo, “ficam surpresos ao descobrir o que há de mais novo no que é mais antigo, e até mesmo os igualitários, a um ponto que teria feito Proudhon tremer”.

É evidente que o caráter informal de uma correspondência possibilita uma

---

<sup>6</sup> Do original, “*sozialistischen Richtung*”.

série de interpretações um tanto quanto insólitas acerca das reais intenções dos interlocutores. Mas é inédito a Marx tratar especificamente desse tipo de forma social sobre a terminologia de uma “tendência socialista”<sup>7</sup>. Diante disso, não seria exagero afirmarmos que Marx apresenta, nessa carta, em suas próprias palavras, a seguinte hipótese: “a era primitiva de cada povo corresponde a uma tendência socialista”. Mas é curioso como Marx, nos anos seguintes, após ter tido contato com uma gama considerável de literatura acerca de formações históricas que precederam historicamente o modo de produção capitalista, não voltou a se utilizar desses termos, nem mesmo a fazer uma ligação explícita entre “socialismo”<sup>8</sup> – ou mesmo comunismo – e “primitivismo”. Ao contrário, Marx conscientemente procurou se distanciar dessa associação. Por um lado, não há um tratamento específico dessa questão no pensamento do mouro; em contrapartida, por outro há uma relação um tanto quanto inusitada: é evidente como Marx não se utiliza nessa carta da expressão “comunismo primitivo”, mas nem por isso ele deixa de mencionar, em outros termos, algo que possa propiciar ao intérprete evidências da concepção segundo a qual há caracteres comunistas em formas sociais que precederam historicamente o modo de produção capitalista. A recusa de Marx em se utilizar tal termo, contudo, nos diz algo, e essa opção também possui sua relevância. Antes de adentrarmos em outros textos de Marx que podem nos oferecer caminhos que respondam esses questionamentos, há um outro elemento nessa carta que nos induz a uma reflexão necessária.

É bastante curioso o uso por Marx de uma outra frase nessa carta através de uma provocação: “o que há de mais novo no que é mais antigo”. Se considerarmos que “o que há de mais novo” – ao qual Marx se referia – trata das teorizações acerca da superação da sociedade civil-burguesa tendo por finalidade uma sociedade “comunista”, evidentemente o “que é mais antigo” não teria nada de novo, sendo uma determinação existente em diversas formas sociais – não somente antigas, como também contemporâneas e concomitantes ao desenvolvimento do modo de produção

---

<sup>7</sup> O termo “*Richtung*” também pode, nesse caso, ser traduzido por uma ideia de “orientação” ou “direcionamento. Além disso, é importante notar que não há uma determinação marxiana unicamente positiva ao termo “socialismo”. Basta recordarmos das passagens do *Manifesto Comunista* em que nosso autor se refere criticamente ao “socialismo burguês”, ao “socialismo feudal”, entre outros (Cf. Marx, 1998).<sup>102</sup> Vale ressaltar, é claro, que o termo “socialismo” não nos conduz imediatamente a uma referência aos textos de Marx, ao contrário, no próprio *Manifesto Comunista* são apresentados diversos exemplos de “socialismos” distintos daquele defendido pelo velho mouro.

<sup>8</sup> Vale ressaltar, é claro, que o termo “socialismo” não nos conduz imediatamente a uma referência aos textos de Marx, ao contrário, no próprio *Manifesto Comunista* são apresentados diversos exemplos de “socialismos” distintos daquele defendido pelo velho mouro.

capitalista. O que há de novo, entretanto, é que esse tipo de conhecimento começava a surgir principalmente na segunda metade do século XIX, o que trouxe a necessidade de novas interpretações ou mesmo de advertências acerca do tratamento que se dava anteriormente a essas formas de sociabilidade.

Como sabemos, a primeira frase da seção 1 do *Manifesto Comunista*, por exemplo, afirma que “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes” (Marx; Engels, 1998, p. 40), no entanto essa contundente afirmação tinha como fundamento a historiografia escrita até então, como Engels observa em nota de rodapé à edição inglesa de 1888 do *Manifesto*. Segundo Engels (*Idem*): “a pré- história, a organização social anterior à história escrita, era desconhecida em 1847”, entretanto as descobertas nos anos que se seguiram trouxeram novas possibilidades de investigações, e uma verificação desses dados históricos não se daria de maneira diferente nos textos dos anos seguintes de Marx. O tratamento dado por esse autor a essa questão, no entanto, é dotado de especificidades um tanto quanto complexas de se apreender, principalmente pela indefinição entre os termos mencionados.

Algo muito curioso acontece em 1881 no momento em Marx escrevia seus rascunhos para a resposta à famosa carta recebida pela revolucionária russa Vera Zasulitch. Qualquer intérprete de Marx tem a plena compreensão do cuidado que esse autor teve com o uso das palavras em todo decorrer de sua obra e, conseqüentemente, com o modo pelo qual seus textos deveriam ser publicados. Isso fica explícito nesse rascunho. Em determinado momento, ao demonstrar as conseqüências do estabelecimento do modo de produção capitalista na Rússia, Marx (2013, p. 103-104) escreve as seguintes palavras: “do ponto de vista histórico, há apenas um argumento sério a favor da dissolução fatal da propriedade comunista russa, a saber: a propriedade comunista existiu em toda parte na Europa ocidental e desapareceu por completo com o progresso social”.

Ao tratar dessa forma de propriedade pré-capitalista na Rússia, Marx se utiliza da expressão “propriedade comunista<sup>9</sup>”, e esse é um dos poucos momentos em que se pode fazer uma aproximação com a noção de “comunismo primitivo” em toda a extensão da obra de Marx, embora fique evidente que não há uma utilização idêntica desse termo. Se considerarmos, em contrapartida, que a utilização de uma derivação

---

<sup>9</sup> Do original: “*kommunistischen Eigentums*”.

do termo “comunismo” ao se tratar de uma forma social situada sob condições pré-capitalistas, estamos tratando de um momento incomum no decorrer da obra desse autor. Ao falar de uma “propriedade comunista”, Marx trata de uma forma de propriedade correspondente a uma forma social pré-capitalista que, no contexto russo, ao momento em que o capitalismo se desenvolvesse naquele país, haveria por consequência sua abolição. Mas é fundamental recordar que estamos lidando com um texto cuja natureza é um escrito sob a forma de um rascunho: em apenas três parágrafos seguintes à passagem supracitada, Marx (2013, p. 104) a reescreve, porém, com uma sutil modificação: “Do ponto de vista histórico, o único argumento sério em favor da dissolução fatal da propriedade comunal na Rússia seria este: a propriedade comunal existiu em toda parte na Europa ocidental e desapareceu por completo com o progresso social”<sup>10</sup>.

Com exceção de uma modificação pontual, a nova passagem do rascunho permanece idêntica. Todavia, é exatamente essa sutil modificação que interessa aos propósitos da nossa investigação. Ao ponto em que Marx anteriormente tratou aquela forma de propriedade sob os termos de “propriedade comunista”, na passagem seguinte ele parece ter revisado os termos utilizados baseado no fato de que a utilização daquelas palavras deveria ser substituída por outras mais adequadas a seu propósito. Marx então, no lugar de “propriedade comunista” utiliza uma nova expressão: “propriedade comunal”<sup>11</sup>. Sugerimos que tal utilização parte de uma recusa – ou no mínimo de uma cautela – por parte de Marx em se utilizar o atributo “comunista” ao se referir a uma forma de propriedade que precedeu o modo de produção capitalista. Dali em diante nos mesmos rascunhos – mais precisamente em vinte e oito ocasiões – Marx continua a utilizar “propriedade comunal”, e não mais “propriedade comunista”.

É exatamente nessas circunstâncias específicas, em que o tratamento de Marx se manifesta de maneira aparentemente imprecisa, que alguns intérpretes propõem uma compreensão tida como “a partir” de Marx, mas que se desenvolve, principalmente, “à revelia” daquilo que Marx escreveu. O mesmo parece acontecer com *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Engels. É recorrente

---

<sup>10</sup> Agradecemos a solicitude de Ivana Jinkings e do tradutor Nélio Schneider no esclarecimento das especificidades dessas passagens de Marx publicadas na obra *Lutas de Classes na Rússia*, pela Boitempo Editorial em 2013.

<sup>11</sup> Do original “*Gemeineigentums*”.

nas traduções desse texto a utilização aparentemente despreziosa do termo “comunismo primitivo”. Vejamos o exemplo<sup>12</sup> de uma passagem desse livro de Engels (2012, p.56-57): “A economia doméstica do comunismo primitivo, que domina com exclusividade até bem avançada a fase média da barbárie, prescrevia uma extensão máxima da comunidade familiar, variável segundo as circunstâncias, porém mais ou menos determinada em cada localidade”. Será que nesse momento Engels tinha a intenção de se utilizar desse termo? Ou melhor, será que Engels tratou a questão da economia doméstica por meio da atribuição de um “comunismo primitivo”? Para responder essas questões é necessário, antes, propor uma espécie de “viagem de volta” até a publicação original de Engels na edição alemã de 1884.

A expressão original em alemão através da qual se traduziu a passagem “a economia doméstica do comunismo primitivo” é *Die sogenannte ursprüngliche Akkumulation*. Assim como na passagem aqui mencionada, o termo *ursprüngliche* é traduzido, sob nossa interpretação, de maneira imprecisa por uma simples razão, mas nem por isso menos importante: o termo original em alemão pode significar tanto “original” como “primitivo”, ou seja, remetendo à ideia de “primeiro”<sup>13</sup>. Como se sabe, essa não foi a única vez em que se traduziu *ursprüngliche* por “primitiva”. Referimo-nos aqui, é claro, às discussões que envolvem o título do capítulo 24 de *O Capital*, geralmente traduzido por “A assim chamada acumulação primitiva”. Acreditamos que seria mais rigoroso se *ursprüngliche*, em sua utilização por Engels n’*A Origem...*, fosse traduzido por “originária”, de modo que estaríamos falando não de uma “economia doméstica do comunismo primitivo”, mas sim, de uma “a estrutura doméstica comunista originária”.

O mesmo aconteceria com o título do capítulo 24 de *O Capital* que sofreria uma modificação semelhante: “A assim chamada acumulação originária”, e não mais “A assim chamada acumulação primitiva”. Essa modificação pode se sustentar se considerarmos que no primeiro parágrafo desse capítulo de *O Capital* Marx faz uma alusão entre essa categoria econômica mencionada e o “pecado original” bíblico e, assim, falar de uma “acumulação primitiva” faz tão pouco sentido quanto falar de um “pecado primitivo”, em referência à mordida da maçã por Adão e Eva que teve, por

---

<sup>12</sup> Exemplo esse proveniente da clássica tradução desse livro desenvolvida por Leandro Konder. Porém, a utilização desse termo não se resume à tradução brasileira, também podendo ser conferida na tradução ao espanhol (cf. Engels 2012; 2017).

<sup>13</sup> Devo essa observação ao professor Leonardo de Deus, tradutor de Marx, que contribuiu com esse momento da pesquisa.

consequência, a instauração do mal no mundo, a saber, pelo trabalho. Assim como esse episódio bíblico é conhecido como o “pecado original”, é provável que a intenção de Marx, ao propor essa alusão, seria a de falar de uma espécie de “acumulação originária”.

Independentemente do uso que fazemos desse conceito, a tradição marxista se utilizou do termo “comunismo primitivo”<sup>14</sup>, o que suscitaria uma distinção entre duas formas de “comunismos”. Não se trata, entretanto, de fazer uma distinção entre “comunismo primitivo” e “comunismo por vir”<sup>15</sup>, indicando aquele como uma forma social pré-capitalista baseada numa apropriação naturalmente coletiva dos meios de produção, e esse como uma forma social pós-capitalista que pressupõe a superação/supressão desse meio de produção. Na verdade, essa distinção pode ser um tanto quanto mais simplificada: entre as noções de “comunismo primitivo” – categoria proveniente da tradição marxista – e “comunismo”. Percebam: não existe, em Marx, um tratamento específico do assim chamado “comunismo primitivo”, nem tampouco nos parece que essa seja, para esse autor, uma categoria propriamente dita, o que significa que “comunismo primitivo” não pode ser compreendido como uma abstração razoável. Não há um tratamento dessa falsa abstração assim como há em comparação a outras categorias investigadas por Marx, como “lucro”, “fetichismo da mercadoria”, “mais-valor”, etc. O “primitivo” aparece, no seio da tradição que se seguiu, como um atributo do termo “comunismo”, mas essa opção de uso também não deixa de ser uma “Robinsonada” por parte da tradição marxista.

## **Conclusão**

Lembremos que o primeiro ato de Robinson Crusó ao encontrar o Sexta-Feira naquela ilha então desconhecida foi o de fazer deste o seu trabalhador assalariado (além, é importante lembrar, de o converter ao cristianismo), ou seja, Robinson transpôs a realidade inglesa das embrionárias relações de produção capitalistas do século XVII a uma ilha na qual suas determinações não se assemelhavam nem um pouco com as da sociedade natal do aventureiro. Parece-nos que, nesse sentido, falar de um “comunismo primitivo” é também um esforço anacrônico de aproximar uma terminologia cujo uso se conformou numa era capitalista – comunismo – a uma realidade pré-capitalista absolutamente distinta daquela, afinal, o conceito de

---

<sup>14</sup> Cf. Luxemburgo (2015), Segal (2009), Testart (1985), Darmangeat (2009; 2018), entre outros.

<sup>15</sup> Assim como fez Jean Tible (2013), por exemplo.

“comunismo primitivo” só passou a fazer algum sentido a partir das próprias determinações e contradições presentes no modo de produção capitalista. Nesse ponto, os marxistas operaram como os economistas burgueses ao terem sido incapazes de desenvolver as relações históricas que conformaram as formas sociais comunais assim como suas diferenças específicas. Do mesmo modo que os economistas passaram a enxergar capitalismo em antigas formas sociais, marxistas fizeram o mesmo por sinal trocado: identificar comunismo numa forma social onde sequer tal concepção estava posta.

### Referências Bibliográficas

DARMANGEAT, Christophe. *A opressão das mulheres no passado e no presente para acabar no futuro: uma perspectiva marxista*. (Tradução: Rodrigo Silva do Ó) Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2018, 85p.

DARMANGEAT, Christophe. *Le communisme primitif n'est plus ce qu'il était. Aux origines de l'oppression des femmes*. Toulouse, Smolny, 2009, 464 pages.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado: em conexão com as pesquisas de Lewis H. Morgan* (Tradução: Leandro Konder). São Paulo: Expressão Popular, 2012, 301p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. (Tradução: Álvaro Pina e Ivana Jinkings) São Paulo: Boitempo, 1998, 271p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Lutas de Classes na Rússia*. (Tradução: Nélio Schneider) São Paulo: Boitempo, 2013b. 164p.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. “Tradução e apresentação das cartas de Marx e Engels em março de 1868 acerca da literatura pré-capitalista em Georg Maurer”. (Org. ÁLVARES, Lucas Parreira). *Revista Marx e o Marxismo – Revista do Niep*. V. 8, n. 14, (2020), pp. 201-211.

LÖWY; DUMÈNIL; RENAULT. *100 palavras do marxismo*. Cortez Editora, 2005, 120p.

LUXEMBURGO, Rosa. *A sociedade comunista primitiva e sua dissolução*. São Paulo: Iskra/Centelha Cultural, 2015, 212p.

SEGAL, L. R. *Do comunismo primitivo à divisão da sociedade em classes*. (Tradução: Emil Asturig von München). 2009, disponível em: <http://www.scientific-socialism.de/PEEcoPolCAP4.htm> acesso 20/01/2018.

STÁLIN, Joseph. *Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico*. (Sem tradução) Lisboa, 2014, disponível em: <http://www.hist-socialismo.com/docs/MatDialecticoHist%C3%B3rico.pdf>

TESTART, Alain. *Le communisme primitif: 1 - économie et idéologie*. Paris: Editions de la Maison des sciences de l'homme, 1985, 544p.

TIBLE, Jean. *Marx Selvagem*. São Paulo: Annablume, 2013, 242p.